**2 de outubro de 2023**

Tradução. Texto original em italiano

**No limiar da Eucaristia**

 “… et tu, puer…”.

 A igreja sonhada por Jesus.

O Evangelho proclamado quotidianamente na Eucaristia regenera e acompanha os dias da Igreja. E, portanto, também do Sínodo. Entronizar o Evangelho será o rito inaugural solene. Pois bem, na expetativa quotidiana de ouvir e na abertura à Palavra, demos corpo a esse ato, na sua verdade não meramente ritual.

Não é um acaso, é uma feliz coincidência que hoje nos deparemos com a passagem evangélica de Lucas em que Jesus conclui a primeira fase do seu itinerário missionário, para iniciar o caminho para Jerusalém (Lc 9,51-56). É uma mudança decisiva na vida de Jesus, no cansativo processo de formação dos discípulos no caminho que conduz ao seu “êxodo”. É uma mudança (it. Snodo) que lança uma luz muito suave também sobre um aspeto hoje crucial do caminho da Igreja em sínodo. A visão espiritual dos discípulos é sempre lenta, mas Jesus avança pacientemente.

Na narrativa de Lucas, chega ao fim a primeira parte da missão itinerante de Jesus, o anúncio do Reino na Galileia (4,14-9,50). Iniciado em Nazaré com a pregação na sinagoga e – já ali – com a rejeição dos seus (Lc 4,14-30). Estamos, portanto, num ponto de viragem: Jesus deixa a Galileia. Uma escolha reveladora. Decisiva, performativa para a maturação de um estilo discipular (e sinodal). Representa uma espécie de “nova partida” de Jesus, que sobe, depois do impacto com a rejeição dos chefes e com a lentidão dos discípulos.

Uma tensão já havia sido criada, uma espécie de falha de comunicação, não só com os líderes religiosos, mas entre Jesus e os seus próprios discípulos, na descida do monte da transfiguração (9:37-43). E um pai na multidão advertiu sobre essa discrepância, queixando-se de que os discípulos, fracos na crença, não tinham sido capazes de libertar o seu filho epilético. E, no entanto, a multidão admira Jesus com espanto e aclama, desconhecendo o profundo significado do senhorio de Jesus, ainda que invencivelmente atraída (9:43).

Bem, perante o espanto confuso das multidões perante os seus prodígios. E, para embaraço dos seus, Jesus acaba de anunciar com força aos discípulos, e é a segunda vez, a meta para a qual caminham: “Prestai bem atenção às palavras que vou dizer: o Filho do Homem vai ser entregue às mãos dos homens” (Lc 9,44). Mas esses ouvidos permanecem fechados ao mistério dessa entrega, não compreendem o anúncio, este permanece-lhes obscuro, e têm medo de fazer perguntas (9,45). Ao ponto de, como única resposta, tentarem aproximar-se, unirem-se entre si, apresentarem-se como candidatos a liderar a redenção: discutem sobre o maior (9,46).

Assim, no coração, e entre eles, no caminho surge um – paradoxo! - um dialogismòs, uma discussão, uma conversa (não propriamente espiritual...). Um pouco como os discípulos de Emaús, quando o incompreensível “falar uns com os outros” é dispersivo, não leva a lado nenhum. Conhecemos bem este cansaço comunicativo…

Mas Jesus, não por isso vai para trás: mestre de autoridade “diversa”, toda a paciente pedagogia divina se revela nele. Decidido, com uma ação simbólica tão maravilhosa quanto simples, revela os pensamentos do coração: atraindo para si um pequeno – paidìon – desloca-os e inverte a direção. Para abrir a mente para o mistério do Reino, de Deus e dos homens, aproxima-se de uma criança, como para dizer: “A verdadeira ordem é outra. É outro o modo de me seguir. Outro o serviço ao Reino. Outro o comando. É outra a prioridade: acolher-me, do mesmo modo que um pequenino é acolhido. Deus, o Pai, é assim!”.

“Jesus – escreve P. Bonhoeffer – “é um descobridor da criança (…) vê na criança a luz de Deus. Deus pertence às crianças e a elas pertence a alegria da boa nova” (Gli scritti, p. 40). o “pequeno” para Jesus, sobre o eco de toda a história da revelação de Deus, a maravilha incessante, o horizonte mais carregado de futuro, a alma da missão, a purificação dos pensamentos distorcidos. Ponto de luz das parábolas e dos ensinamentos de Jesus. Ele recebe este olhar de toda a Revelação de Deus: desde o pequeno e último filho do rei David, escolhido por Deus para o seu reino (1Sam 16,1-15), até ao filho mais novo da parábola (Mt 21,28-32). Acolher o eleito de Deus e Deus que envia, no pequeno (Mt 25,31-46). Este será o roteiro para Jerusalém, e até o julgamento final. Não é de nenhum modo um dado adquirido. A narração evangélica que se segue mostra-o. E não só isto.

Existe uma ligação profunda entre a forma como a comunidade cristã se relaciona com o irrelevante, o pobre, o invisível – e por vezes mesmo o importuno – dum ponto de vista mundano, e a aceitação do projeto de Deus. E esta visão não pode deixar de informar todo o processo sinodal. Para além de toda retórica e de toda vacilação. É uma inversão dos critérios, a partir do que se move no coração. E o tom da conversa espiritual também fará bem em deixar-se evangelizar por ela.

Jesus faz pensar, no princípio e ainda mais hoje. Aquele tal exorcista não pertence ao círculo dos íntimos, e mesmo assim faz as mesmas boas obras que os discípulos, tinha a peito o bem dos outros. E Jesus reconhece-o, protege-o, torna claro que para a liberdade de Deus há uma outra escolha (it. Elezione) não estruturada – é o laço que une Jesus aos de “fora”. Pensemos no samaritano (Lc 10,33). O forasteiro realizou o que os discípulos, pouco antes, não tinham conseguido realizar: o exorcismo. Há uma semente do Verbo em cada ser humano tocado pela liberdade da graça que se reconhece pelo seu ser – anonimamente, gratuitamente – “para vós”.

Esta liberdade de Jesus, agora decidida firmemente na sua direção rumo à Cruz, evangeliza a missão da Igreja: a liberdade e a facilidade dos seus passos no meio de uma humanidade marcada por mil contradições, deve de facto evangelizar o processo sinodal.

Jesus, portanto, antes de endurecer o rosto para Jerusalém, com um gesto altamente revelador, toma uma criança perto dele e aponta para ele como o caminho. Este Evangelho é um poderoso farol para os encontros sinodais. Diz um método, uma conversão incessante a operar, um modo de caminhar na via do Evangelho, seguindo os passos de Jesus. Diz um estilo sinodal, ou seja, discipular, em face de eventos incomuns e diferenças insidiosas, aos mesmos conflitos – interpessoais ou de consciência. Acolheremos, portanto, com temor e reconhecimento – como igreja “materna”, enviada para cuidar mais do que para afirmar a sua própria potestas superior –, este estilo do discípulo: na graça do Senhor Jesus, o paidion do Pai, o “entregue nas mãos”.

Como discernir e acolher o pequeno, o pobre, na igreja de hoje?

“Et tu puer propheta…”. Estrangeiros e peregrinos no meio de uma humanidade em sofrimento, somos chamados a uma nova vigilância nos pensamentos do coração e a discernir e acolher a profecia do “pequeno” – o imprevisível. Como um perder-se e encontrar-se nos olhos da criança. É aqui, de facto, que a junção pode ter lugar; é aqui que o caminho de conversão “para Jerusalém”, protótipo do caminho sinodal, pode encontrar um novo começo.

Rev. Maria Grazia Angelini O.S.B.